

CDU 869.09 Mendes Pinto
Original scientific paper

Acette para a publicação a 26 de Dezembro de 1984

Possibilidades e limitações na interpretação da «Peregrinação» de Fernao Mendes Pinto

Rui Loureiro

Faculdade de Letras, Zagreb

Este texto não pretende apresentar uma nova interpretação global da **Peregrinação**, nem abordar exaustivamente os múltiplos problemas levantados pela que é talvez, depois de **Os Lusíadas**, a mais paradigmática produção textual do Portugal de Quinhentos. Os seus objectivos são, simultaneamente mais modestos e difusos, de uma tripla ordem. Por um lado, problematizar alguma da literatura crítica que tem proliferado em volta da obra, privilegiando as propostas interpretativas mais recentes. Por outro lado, tentar lançar algumas pistas para a decifração dos seus enigmas, sobretudo através duma proposta de reformulação de algumas das interrogações que lhe têm sido postas. E, por último de uma forma geralmente não sistemática, introduzir algumas questões de natureza epistemológica. Em suma, trata-se aqui de repensar não o próprio texto de Fernão Mendes Pinto, que se torna então mero pré-texto, mas antes as interpretações de que ele tem sido objecto, não deixando de ter presente «estamos condenados à certeza de não haver certezas, a **dúvida hipótese** é a única e última das verdades.»¹

A Literatura de Viagens e a «Peregrinação»

Com a chegada de Vasco da Gama a Lisboa em 1499, de regresso da primeira viagem marítima à Índia, encerra-se definitivamente um capítulo da história da humanidade. No curto espaço de algumas décadas, obra sobretudo de Portugueses e Espanhóis, cairão por terra as tradicionais fron-

1. Luís Filipe Barreto, «Fenomenologia do cultural: uma introdução à História da Cultura», *Prelo* (Lisboa), 3, 1984, p. 40.

teiras geográficas. «O mundo tornou-se, quase de repente, um mundo ilimitado».²

Os homens começam então a aperceber-se da verdadeira dimensão e variedade de um espaço até então compartimentado em divisórias estanques.

Vista da Europa, esta abertura e unificação da Terra é encarada como uma sucessão de *Descobrimentos*. Não nos deixemos, no entanto, iludir por esta tradicional e persistente visão etnocêntrica: «avant le triomphe de l'Europe, le monde entier est déjà reconnu, saisi par l'homme depuis des siècles ou des millénaires».³ Com efeito, não havia no século XV uma única parcela habitável do globo terrestre que não estivesse já descoberta e utilizada, com excepção de algumas pequenas ilhas. Mas a visão europeia dos acontecimentos é quase uma fatalidade: os séculos XV e XVI são por excelência o período das *Grandes Descobertas*. Aceitemos, por comodidade de exposição, a terminologia consagrada.

Este formidável e multissecular processo de expansão da Europa para além das suas próprias fronteiras, vai ser acompanhado pelo proliferar de um género discursivo a que se tem convencionado chamar *literatura de viagens*.⁴

A frenética exploração dos novos espaços descobertos, será pretexto para a elaboração de um infundável número de obras, de carácter essencialmente utilitário, que procuram apresentar, ao olhar espantado e cheio de curiosidade do europeu, os 'novos mundos do Mundo'.

Multiplicam-se as Cartas, os Roteiros, as Relações, os Itinerários. Todos, sem excepção, são fruto de deslocações mais ou menos prolongadas no espaço geográfico extra-europeu. A *viagem* é o seu mínimo denominador comum, o seu referente imediato.

Mas enquanto que esta literatura de viagens é sempre *de viagens*, nem sempre é *literatura*. O utilitarismo sobrepõe-se à estética, por questões quer de oportunidade, quer de capacidade, quer de intenções, quer especialmente de epocalidade. Muito poucos dos escritores de viagens estão interessados em fazer obra de literatura. Face à novidade da pluralidade de mundos descobertos, o viajante tem quase sempre um objectivo pragmático.

Por um lado, o registo de informações de carácter prático: as rotas marítimas ou terrestres, os problemas técnicos da navegação, os produtos comerciáveis, as potencialidades de missão, as questões de estratégia

2. J. S. da Silva Dias, *Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*, 2a. ed., Lisboa, 1982, p. 122.

3. Fernand Braudel, *Civilisation matérielle et capitalisme (XVe—XVIIIe siècles)*, tomo I, Paris, 1967, p. 44.

4. De facto, *literatura de viagens* é um termo demasiado genérico e ambíguo, que engloba múltiplas variedades discursivas. Sob a polissemia da designação podem acolher-se textos tão díspares como a *Carta* de Pero Vaz de Caminha ou a *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

militar. Em síntese, esta escrita utilitária é orientada pelos vectores da *navegação, conquista, comércio e evangelização*.

Por outro lado, os relatos de viagens recolhem informações de natureza exótica: a variedade da flora e da fauna tropical, a novidade dos usos e costumes, a diversidade das crenças religiosas, enfim a crónica dos sucessos históricos dessas longínquas regiões. Resumidamente, tudo o que em cada cultura ou civilização abordada, por contraste com o mundo europeu, constitui a diferença. Esta escrita do exótico é orientada, sobretudo, pela *curiosidade pelo específico*.

A literatura da expansão ultramarina portuguesa orienta-se, pois, segundo as vertentes do *utilitarismo* e da *curiosidade*. Quanto ao seu valor literário, o que se passa é que a maioria dos autores tende a valorizar o fundo informativo registado, em detrimento do mérito ou valor literário do seu discurso.⁵ Há como que uma urgência em transmitir a novidade prática e exótica das descobertas feitas pelos mercadores, soldados, funcionários, missionários portugueses no Oriente.

No universo discursivo da chamada literatura de viagens, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto ocupa um lugar de destaque. Redigida nos finais do século XVI, é uma obra imensa, que constitui uma espécie de síntese vivencial da quase totalidade dos aspectos da expansão portuguesa no Oriente.

Talvez na sua complexidade a obra de Mendes Pinto seja, mais do que a epopeia camonianiana, o discurso emblemático da identidade nacional do Portugal da Expansão.

Ela é publicada em Lisboa em 1614 com um título bem ao gosto da época: *Peregrinacam de Ferman Mendez Pinto. Em qve da conta de mvytas e mvyto estranhas cousas que vio & ouuiu no reyno da China, no ta Tartaria, no do Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no de Pegu, no de Martauão, & em outros muyto reynos & senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Occidente ha muyto pouca ou nenhua noticia. E tambem da conta de muytos casos particulares que acontecerao asi a elle como a outras muytas pessoas. E no fim della trata breumente de algumas cousas, & e da morte do santo Padre mestre Francisco Xauier, unica luz & resplendor daquellas partes do Oriente, & Reytor nellas uniuersal da Comphanhia de Iesus.*

Ao longo de século XVII, a *Peregrinação* conheceu um estrondoso sucesso, não só em Portugal, onde é reeditada em 1678, mas sobretudo atra-

5. Cf. Vitorino Magalhães Godinho: «tais descrições são feitas sobretudo do ponto de vista comercial: formas e cores não importam por si próprias (como devem na literatura de ficção) mas apenas na medida em que servem para caracterizar mercadorias, indicar regiões que vale a pena explorar economicamente. Os Portugueses raro transcenderam da visão do mercador ou do navegador para a do artista que exprime uma função completa do real.», «Os descobrimentos: inovação e mudança nos séculos XV e XVI», *Revista di História Económica e Social* (Lisboa), 2, 1978, p. 14.

vés da Europa, onde se sucedem as traduções e adaptações. Antes de terminado o século, sairão dos prelos edições espanholas, francesas, inglesas, alemãs e holandesas.

Com pelo menos quinze edições no relativamente curto espaço de oitenta anos, a obra torna-se rapidamente um *clássico*. É que a *Peregrinação* responde, de uma forma assombrosa, a essa conjuntura 'intelectual' de curiosidade que, numa Europa ávida de informações sobre o Oriente, motiva e simultaneamente responde ao proliferar da literatura de viagens.

No entanto, ao contrário do que sucederá com muitas outras obras congéneres, não se deterá por aqui a carreira da *Peregrinação*. Há obras que conhecem este destino sigular: ultrapassar os limites da sua epocalidade e continuar a interessar o público leitor ao longo dos séculos.

Tal tem acontecido com a obra de Mendes Pinto. Desafiando o tempo, ainda hoje é reeditada com frequência, continuando a suscitar as atenções quer de leitores curiosos, quer de estudiosos da língua e cultura portuguesa. E, indiferente à crescente sofisticação dos métodos de análise textual e de crítica histórica, a *Peregrinação* continua a ser objecto de polémicas leituras e a escapar a qualquer tentativa de interpretação global.

Sucedem-se os vectores de análise e as perspectivas de abordagem; aperfeiçoam-se as técnicas de descodificação e os métodos interpretativos. Mas a *Peregrinação* permanece um desafio para os investigadores. É sempre possível colocar-lhe mais uma questão, testá-la perante uma outra hipótese, confrontá-la com um novo documento. Como uma esfinge, ela aceita o repto, e os seus enigmas permanecem indecifrados.

A duvidosa biografia de Fernão Mendes Pinto

Muitos pormenores da agitada vida de Mendes Pinto continuam actualmente por esclarecer.

Os arquivos têm-se revelado avaros em documentos que elucidem os passos mais controversos ou pura e simplesmente desconhecidos da biografia do celebrado autor. Talvez também se tenha dado o caso de os investigadores terem sido pouco diligentes, limitando-se, de geração em geração, a retomar as mesmas fontes, a optar pelas mesmas problemáticas, numa polémica por vezes vazia de sentido.

Sintomaticamente, a quase totalidade da bibliografia crítica forma uma espécie de círculo vicioso, debatendo questões semelhantes, remetendo para um mesmo e limitado fundo documental, citando as mesmas autoridades.⁶

6. As excepções a esta regra contam-se pelos dedos, nomeadamente o inovador artigo de Alfredo Margarido, «La multiplicité des sens dans l'écriture de Fernão Mendes Pinto et quelques problemes de la littérature de voyages au XVIIe siècle», *Arquivos do Centro Cultural Português* (Paris), vol. XI, 1976.

Para além das fontes jesuíticas, os documentos conhecidos que se referem a Fernão Mendes Pinto são em escassíssimo número. Não admira, pois, que a principal base dos que têm tentado esboçar a sua biografia continue a ser a própria *Peregrinação* que, logo no frontispício da primeira edição, assume o tom autobiográfico: «Escrita pelo mesmo Fernão Mendez Pinto».

A obra abrange o período da vida do autor compreendido entre 1521, data da sua chegada a Lisboa, vindo da província, com «dez ou doze anos», e 1558, ano do regresso a Portugal.

Sobre a infância de Mendes Pinto nada de concreto se sabe. Terá nascido em Montemor, de família modesta. Serão, aliás, estas origens obscuras que irão determinar a sua partida para Índia em 1537, em busca, como muitos dos seus contemporâneos, da fortuna que, recusada na pátria, lhes parecia de mais fácil alcance nas longínquas paragens asiáticas.

Os biógrafos têm, na generalidade, aceite sem grandes, reticências as indicações fornecidas pelo autor no primeiro capítulo da *Peregrinação*, relativas aos factos ocorridos até à sua partida para o Oriente.⁷

O mesmo não acontece a partir daí. A palavra de Mendes Pinto passa a ser objecto das maiores reservas, ou mesmo frontalmente recusada.

Entre 1537 e 1554, vive uma prodigiosa sucessão de aventuras, em que foi, segundo as suas próprias palavras, «treze vezes cativo e dezassete vendido, nas partes da Índia, Etiópia, Arábia Feliz, Tartária, Macáçar, Samatra e outras muitas províncias daquele oriental arquipélago dos confins da Ásia». Durante estes dezassete anos, percorre extensivamente todo o Oriente, exercendo as mais variadas ocupações, vivendo as mais contraditórias experiências, conhecendo os mais dramáticos golpes de fortuna: embaixador, escravo, comerciante, salteador e pirata, prisioneiro, soldado e mercenário, ele conheceu todos os graus de vivência social do seu tempo.

Desta vertiginosa sucessão de viagens ao longo da geografia e do tecido social oriental, o único testemunho conhecido é a própria *Peregrinação*. Apenas nela podemos basear-nos para estabelecer o seu inacreditável itinerário. Facto este que, como se pode calcular, tem levantado enormes problemas à crítica.

Os documentos conhecidos que poderiam confirmar ou infirmar a narrativa de Mendes Pinto, referem-se a factos que o autor não mencionou na obra ou, então, ultrapassam o âmbito cronológico deste período.

É o caso dos textos da Companhia de Jesus, através dos quais é possível reconstituir um dos últimos e mais curiosos episódios da odisseia oriental de Fernão Mendes: a sua passagem pelas hostes jesuítas.

7. Cf. um bom resumo em Rebeca Catz, *A sátira social de Fernão Mendes Pinto — análise crítica da «Peregrinação»*, trad. port., Lisboa, 1978, pp. 49 a 55 ou António José Saraiva, «Fernão Mendes Pinto ou a sátira picaresca da ideologia senhorial», *História da Cultura em Portugal*, vol. III, Lisboa, 1962, pp. 343 a 496.

Com efeito, quando em 1554 ele está em Goa, preparando-se para regressar a Portugal na posse de considerável fortuna acumulada durante os anos anteriores, é atacado por uma crise de misticismo. Entra para a Companhia, despojando-se de uma parte considerável dos seus bens em esmolas e oferendas, partindo logo de seguida para o Japão em missão de cristianização, quase exclusivamente por ele financiada.

No estanto, durante a viagem, excepcionalmente demorada mesmo para os padrões da época, o seu fervor religioso parece arrefecer e, num singular golpe de teatro, Mendes Pinto abandona os Jesuítas. De resto, tudo leva a crer que se irá manter em excelentes relações com a Companhia de Jesus.

Em 1558 está de volta a Portugal, vinte e um anos depois da partida. Estabelece-se em Almada, talvez numa relativa abundância, constitui família e no retiro da sua quinta, entre 1569 e 1578, redige a *Peregrinação*, relato detalhado da sua experiência ultramarina.

Escreve, como ele próprio declara, para os filhos: «só para eles é minha intenção escrevê-la»;⁸ mas também para que «tomem os homens motivo de não desanimarem com os trabalhos da vida para deixarem de fazer o que devem».

Morre em 1583, trinta e um anos antes da publicação da sua obra e poucos meses depois de a administração real lhe ter atribuído a pensão que solicitara muitos anos atrás, à chegada a Lisboa, como recompensa dos serviços prestados à Coroa nas partes do Oriente.

A penumbra em que persistentemente se mantém a vida de Fernão Mendes tem exasperado os investigadores que, mais de uma vez, procuraram encontrar explicação para a penúria documental, logicamente atribuível ao acaso.

Por um lado, acusa-se o próprio Mendes Pinto de, na sua autobiografia, não ter deixado bem explicitados e documentados os circunstancialismos da sua atribulada carreira. Ele teria, para evitar perseguições, sobretudo de carácter religioso, propositadamente obscurecido os sucessos da sua vida, camuflando-os por meio da ambiguidade das referências, da imprecisão das informações, da multiplicação das contradições⁹. Ou então, por desleixo,

8. Mendes Pinto teve, ao que se sabe, duas filhas.

9. Rebeca Catz, por exemplo, vê nessa obscuridade autobiográfica um deliberado artifício, com vista à consecussão dos objectivos ficcionais: «na obra de Fernão Mendes Pinto, autobiografia mais não é do que um pretexto — um estratagemma ou estruturação sobre a qual o autor vai tecer a sua ficção», ob. cit., p. 50. Mas poderia dar-se o caso de esta hipótese ter uma explicação bem simples. Ela foi sobretudo desenvolvida durante o período em que vigorou em Portugal a mais rígida censura prévia a todos os textos publicados. Impunham-se pois, aos investigadores, as mais elementares precauções de redacção, para contornar este obstáculo. Apurou-se então, ao mais alto grau, uma escrita eminentemente metafórica, repleta de subtis alusões, falando por meias-palavras, não explicitando o essencial. Efeito de retro projecção inconsciente, os mesmos mecanismos de escrita seriam transportos para o discurso de Mendes Pinto, estabelecendo-se um paralelo entre a censura inquisitorial e a censura fascista.

teria omitido factos tão essenciais para os biógrafos como a data e o local de nascimento. Como se Mendes Pinto, ironicamente, tivesse assentado à partida no propósito imoral de confundir os seus biógrafos.

Um vector da crítica, por outro lado, defende a existência de uma conspiração, de silêncio que teria envolvido tanto a *Peregrinação* como o seu autor. Os historiadores jesuítas, despeitados pela fuga de Mendes Pinto das fileiras da Ordem, teriam lançado sobre ele um «anátema»¹⁰, desacreditando a *Peregrinação*, destruindo provas, rasurando documentos, de modo a eliminar dos arquivos da Companhia de Jesus todas as referências ao seu autor¹¹.

A esta última hipótese para o vazio documental anda geralmente associada uma outra: Fernão Mendes Pinto seria *marrano*. Uma mais cuidada análise textual da sua obra, revelaria abundantes traços de judaísmo, não só nas manifestações de filosofia religiosa¹², como nas particularidades estilísticas¹³. Por outro lado, o cripto-judaísmo de Mendes Pinto explicaria tanto uma série de factos cujas razões são obscuras, nomeadamente a sua saída da Companhia de Jesus, de onde teria sido 'expulso', como determinados aspectos discursivos da *Peregrinação*, que visaria assim, sob uma aparente declaração de catolicismo ortodoxo, camuflar uma religiosidade judaizante¹⁴.

A crítica mais recente opta, na generalidade, por um Fernão Mendes cristão-novo, muito embora sem avançar provas concludentes.

Como vemos, a biografia de Mendes Pinto está ainda bem longe do total esclarecimento. O que se pode concluir, é que o desvendar integral da vida do autor da *Peregrinação* terá de ser adiado até à eventual descoberta de novos indícios documentais. A investigação, entretanto, dificilmente quebrará o círculo restrito onde se tem debatido. E aliás, começa já hoje a

10. Alfredo Margarido, ob. cit., p. 159. Mas também autores tão diversos como Armando Cortesão ou António José Saraiva aventaram esta hipótese.

11. Rebeca Catz, apoiando-se nas investigações de Georg Schurhammer, rejeitou convincentemente a hipótese da conspiração jesuítica: «dificilmente se pode aceitar que os jesuítas tenham perseguido Fernão Mendes Pinto ou tenham mesmo virado a sua suposta animosidade colectiva contra ele. [...] Os arquivos mostram que ele se afastou da Ordem a seu próprio pedido e que, a partir desse afastamento e por todo o resto da sua vida, as suas relações com os jesuítas permaneceram extremamente cordiais», ob. cit., p. 76.

12. Rebeca Catz, ob. cit., pp. 55, 59, 60 e 278, entre outras.

13. António José Saraiva, ob. cit., pp. 358—359.

14. Recentamente, Mário Martins negou a hipótese de Mendes Pinto ter saído da Companhia de Jesus por ser cristão-novo: «nesse tempo os jesuítas não se importavam muito com a pureza de sangue». Foi «em 1556 que eles elegeram geral da Companhia de Jesus o Pe. Lainez, apser de marrano», «Evocação de Fernão Mendes Pinto no Quarto Centenário da sua Morte», *Brotéria* (Lisboa), vol. 177, 5, 1983, p. 417.

ganhar peso a opinião de que a vida de Fernão Mendes Pinto deve ser secundarizada face aos problemas postos pela sua 'autobiografia'¹⁵.

Sociologicamente, é extremamente significativo este deslocamento da problemática, de uma erudição positivista¹⁶ que privilegiava a pesquisa factual, para uma análise estrutural que põe a tónica no desvendar dos sentidos da obra. Adiante veremos que é possível, desde já, perspectivar novas vias de aproximação à *Peregrinação*. Mas tudo se passa como se, ao correr do tempo, o labor interpretativo dos investigadores se dirigisse, num movimento centrípeto, do exterior da obra para o seu interior, numa viagem em profundidade do referente histórico para o núcleo significante do texto da *Peregrinação*.

Um título repleto de conotações

Não é facto comprovado que tenha sido Mendes Pinto o responsável pela atribuição do título ao relato das suas aventuras. Ele deixou a obra manuscrita, e há mesmo quem sugira que ela seria inicialmente um longo parágrafo.

O primeiro tradutor espanhol da *Peregrinação*, Herrera Maldonado, afirma que a divisão em capítulos actualmente em vigor, teria sido introduzida pelo cronista oficial Francisco de Andrade, encarregado de preparar o manuscrito para publicação. No entanto, tanto os títulos dos capítulos como o corpo do texto falam-nos na primeira pessoa do singular.

O manuscrito original, hoje perdido, foi deixado pelo autor a suas filhas, aparentemente com instruções expressas de que o mesmo fosse doado à Casa Pia dos Penitentes de Lisboa. E a *Peregrinação* teria de esperar até 1614 para conhecer a sua primeira edição. Mas tudo leva a crer que teria circulado antes, segundo a prática da época, em forma manuscrita.

Os jesuítas utilizaram-na, sobretudo como fonte para a biografia de Francisco Xavier. E Filipe II «passava muchos ratos co oirle, dando grande credito a sus verdades», como refere Herrera Maldonado¹⁷. Entre a conclusão da obra, plausivelmente em 1578¹⁸, e a sua publicação trinta e seis anos

15. Veja-se, aliás, a distância que vai de António José Saraiva — «il nous intéresse, en résumé, de chercher dans la *Peregrinação*, non pas la Chine ou le Japon, mais l'homme qui l'a écrite» (pref. a *La Pérégrination*, Paris, 1968, p. 15, citado por Alfredo Margarido, ob. cit., p. 165) — a Alfredo Margarido — «Il intéresse peu que Mendes Pinto soit ou ne soit pas d'origine juive; ce qui est en question c'est l'importance de la *Peregrinação*», p. 161, n. 2.

16. Note-se qua a citação de António José Saraiva transcrita na nota anterior, não pretende de modo nenhum qualificá-lo como um 'erudito positivista'. Ela é utilizada como processo de exposição, de modo a realçar a diversidade da aproximações à *Peregrinação*.

17. Citado por Rebecca Catz, ob. cit., p. 72.

18. Mendes Pinto refere no cap CCXXVI a rainha D. Catarina, desaparecida em Fevereiro de 1578, como tendo já falecido.

depois, o manuscrito da *Peregrinação* terá passado por muitas mãos e a forma original terá decerto sofrido modificações.

Não é por enquanto possível demonstrar que quer o título da obra, quer a divisão e títulos dos capítulos, quer mesmo o próprio texto, sejam, da responsabilidade exclusiva de Mendes Pinto. Mas também será muito difícil provar que o texto foi retocado, rasurado, censurado ou adaptado, como têm pretendido muitos críticos, que aí veriam a sombra da Companhia de Jesus.

Se partirmos do princípio de que o título da *Peregrinação* é atribuível ao autor, então tem fundamento alguma da especulação que se tem gerado em volta dele. E o próprio Mendes Pinto parece caucionar a aceitação de um título (ou parte dele) da sua lavra ao referir logo no início do texto «tomando para princípio desta minha peregrinação».

O conceito de 'peregrinação' tem, desde a época medieval, claras ressonâncias religiosas.

A peregrinação estão, nos textos de mística cristã, intimamente ligados os temas de salvação e expiação. O peregrino faz a viagem com o objectivo de expiar os pecados e obter a salvação. A própria vida é, não raro, encarada como uma viagem, uma peregrinação pelo mundo terreno¹⁹. E não é vulgar nos viajantes ultramarinos, sobretudo religiosos, a utilização da expressão²⁰.

Alguns estudiosos tem exprimido a opinião de que Fernão Mendes Pinto se enquadra nesta corrente de literatura mística, e que o relato da sua oriental peregrinação é na realidade um projecto de expiação de culpas passadas, ditado quer pelos (in) sucessos da sua vida aventureira, quer pelo clima mental de Quinhentos²¹.

De facto, a religiosidade cristã impregna o quotidiano do homem do século XVI. O universo mental, do europeu entenda-se, funciona dentro dos estreitos parâmetros do cristianismo.

19. Cf. Juergen Hahn, *The origins of the baroque concept of «Peregrinatio»*, Chapel Hill, North Carolina 1973.

20. «Da ciudad de Goa os escrevi muy largo de toda nuestra pelegrinacion despues que partimos de Lisboa asta nuestra llegada em la Yndia», Francisco Xavier, carta a Inácio de Loiola, cit. em Juergen Hahn, ob. cit. Camões fala da «misera gente peregrina», *Os Lusíadas*, II, 32. E o próprio Mendes Pinto fala repetidas vezes de «peregrinação desta vida» (cap. LXXXII, por exemplo).

21. Eduardo Lourenço: «A *Peregrinação* não é uma sátira, é um penitencial». Ou «o aventureiro-místico toma a pena para se flagelar e salvar. A flagelação, com o seu gosto equivoco, seria já um começo de salvação», «A 'Peregrinação' e a crítica cultural indirecta», *Peregrinação*, Lisboa, 1979, 20. vol., p. XCV. Também João David Pinto-Correia: «Quanto à conotação religiosa [do título], poderíamos perguntar-nos se não era essa mesma que se encontrava nas intenções do Autor atribuir à sua obra». Ou então: «Mendes Pinto pensou talvez que a sua decisão de escrever a obra constituia já início de uma remissão», *Autobiografia e aventura na literatura de viagens: a 'Peregrinação' de Fernão Mendes Pinto*, Lisboa, 1979, p. 25.

Mas parece-me que as interpretações misticistas da *Peregrinação* repousam, essencialmente, nas conotações do título da obra. Não podendo provar-se ser este da autoria de Mendes Pinto, há que interrogar a obra mais em profundidade, sob pena de estas hipóteses interpretativas tombarem pela base.

Há decerto um fundo de religiosidade no discurso da *Peregrinação*. Não se pode negá-lo. Mas esse fundamento é de tal modo ambíguo, que permite sustentar a hipótese do cripto-judaísmo de Fernão Mendes²².

Quer-me parecer que a peregrinação de Mendes Pinto é uma vagabundagem profana por terras distantes, é um exílio forçado pela necessidade, pela curiosidade, pela busca de riquezas. O autor da *Peregrinação* não nos relata uma jornada inspirada por pia devoção, onde as dificuldades e sofrimentos do caminho teriam a sua justificação na expiação final. Ele quer, sim, dar-nos conta das «mvytas e mvyto estranhas cousas que vio & ouuio».

No entanto, não se pode eliminar levemente a hipótese de ter a *Peregrinação*, realmente, o sentido global de 'penitencial' que lhe têm querido atribuir.

É possível que Fernão Mendes lance ao papel os «grandes trabalhos e infortúnios» da sua vida com o intuito de remissão dos seus múltiplos pecados. É possível que o objectivo da obra seja a expiação das faltas cometidas, através da sua prodigiosa enumeração. É possível que a *Peregrinação* seja uma monumental auto-crítica.

Mas estas possibilidades, uma vez testadas frente à textualidade da obra, soam um pouco a falso. Não convencem inteiramente.

Exigem-se novas investigações sobre a natureza e o sentido da filosofia religiosa de Mendes Pinto. E não se pode pôr de lado a hipótese de o autor ter encontrado inspiração para o seu sentir religioso em fontes contemporâneas, podendo inclusivamente tê-las utilizado na redacção da *Peregrinação*.

Relativamente ao título, pode ainda sugerir-se uma outra hipótese. Ele seria parcialmente da responsabilidade do autor. E a segunda parte do longo título²³, poderia ser atribuída à Companhia de Jesus²⁴. Trinta anos após a morte de Mendes Pinto, qualquer facto relacionado com a vida de Francisco Xavier revelar-se-ia de extrema actualidade. Logo, o facto de no título da *Peregrinação* se fazer explícita referência a uma parte dela que ocupa uns escassos 17 capítulos, de um total de 226.

22. Cf. por exemplo Rebecca Catz: «um ponto de vista de todo concordante com o de um *cristão-novo* que desafiando a Inquisição presta culto ao Deus dos seus antepassados, em segredo, como faziam inúmeros *marranos* tanto em Espanha como em Portugal.» Ob. cit., p. 256.

23. Eduardo Lourenço chamou a atenção para o carácter duplo do título: «O título da *Peregrinação* é *duplo* e esquecê-lo é adular a intenção que nele se exprime», ob. cit., p. XCVII.

24. «E no fim della trata breuemente de algumas cousas, & e da morte do santo Padre mestre Francisco Xauier. . .»

A impossível objectividade da «Peregrinação»

A estranheza e novidade de muitos dos factos narrados por Fernão Mendes Pinto determinará, logo após a publicação, uma leitura vincadamente crítica do texto, que põe em xeque o seu rigor histórico.

Pela primeira vez, o leitor europeu tem acesso a um certo tipo de informações sobre o Oriente que, quer pelo seu marcado ineditismo, quer pela impossibilidade de confirmação por outras vias, não poderiam deixar de desencadear uma reacção de ceticismo.

Desta conjuntura de recepção, não deixa de ser índice significativo o trocadilho espirituoso que, de entao para cá, tem estado no horizonte interpretativo de todas as leituras da *Peregrinação*: «Fernão, mentes? Mintol!»

Seria este texto, que se apresentava como autobiográfico e no entanto narrava factos e situações tão fora da experiência conhecida e documentada, digno de credibilidade? Seria o seu autor, simultaneamente narrador e personagem, testemunha fidedigna de tantos e tão desmesurados sucessos? Em suma, seria possível atribuir ao discurso de Mendes Pinto valor documental e rigor informativo?

A problemática do referente histórico na *Peregrinação* tem sido persistentemente debatida, dando origem a uma dispersão de interpretações e a uma sucessão de monumentos de erudição. É de tal modo insinuante esta questão, que ainda hoje continua a suscitar polémica.

A investigação tem abordado o problema essencialmente de dois pontos de vista que, apesar de distintos, não se excluem mutuamente.

Uma das correntes interpretativas, nas suas abordagens da obra de Mendes Pinto, privilegiou, positiva ou negativamente, a historicidade do texto. Tratar-se-ia de, uma vez por todas, tentar esclarecer o concreto valor documental da *Peregrinação*. Para tal, a obra foi confrontada com um extenso e diversificado leque de fontes, quer europeias, quer orientais, sendo testada através dos mais apurados métodos de crítica histórica.

Os resultados do labor desta vertente de aproximação à *Peregrinação*, que estava empenhada acima de tudo em discutí-la como documento histórico, sintomaticamente, estavam longe de revelar-se concludentes. Partindo de um grau zero de rigor, a *qualidade* documental da obra de Mendes Pinto aumentava em relação directa com a quantidade de materiais compulsados.

Daí o desenvolvimento de duas imagens distintas da *Peregrinação* na perspectiva do seu valor histórico-documental, distribuindo-se, numa escala de rigor, de um mínimo aceitável a um máximo admissível.

A analítica documental mais vasta, rigorosa e perseverante, é sem dúvida a do Pe. Georg Schurhammer, que concluiu, ao cabo de um monumental esforço de erudição, pela falta de rigor histórico da *Peregrinação*. A obra de Fernão Mendes, como documento, seria merecedora de um mínimo de confiança.

Com efeito, está definitivamente demonstrado que o texto da *Peregrinação* está recheado de contradições, paradoxos, ambiguidades e, pura e simplesmente, erros de ordem factual.

A cronologia da obra peca pela falta de rigor, e um exame mais detalhado é concludente: numerosas datas indicadas por Mendes Pinto não correspondem a uma cronologia real. E a sua topografia é também mais do que suspeita: erros crassos quanto a distâncias e indicações geográficas obscuras e fantasiadas. Além disso, ao fazer citações, Fernão Mendes revela ignorância das línguas orientais²⁵.

Outros estudiosos tem contribuído para a formação desta imagem de infimo rigor documental atribuída à *Peregrinação*, baseados fundamentalmente numa análise pormenorizada do pormenor. E a conclusão pareceria impôr-se: o relato de Fernão Mendes Pinto não poderia de modo algum ser considerado um documento histórico. No entanto, o problema não é tão simples, e prende-se com questões de natureza epistemológica²⁶.

Paralelamente a esta imagem negativa da *Peregrinação*, como seu duplo, uma outra analítica documental preocupou-se, predominantemente, com a demonstração da veracidade essencial da obra.

Desprezando os erros de pormenor, atribuíveis quer a falha do autor, que escrevia de memória à distância de várias dezenas de anos, quer a manipulações do manuscrito posteriores à sua morte (dos jesuítas, do organizador do texto, da censura), os defensores do rigor de Mendes Pinto optaram pela sobrevalorização das informações de carácter geográfico e etnográfico, tão abundantes na *Peregrinação*²⁷.

25. Cf. Rebecca Catz: «Schurhammer, G., levou a cabo esta penosa tarefa no seu «Fernão Mendes Pinto und Seine 'Peregrinação'», pp. 71—103 e 194—267, tendo provado concludentemente que as verificações de dia a dia são de toda irreconciliáveis com as datas e ocorrências relatadas», ob. cit., p. 307 (n. 235). Cf também pp. 75, 84 a 87, 89, 91, 101 e 159.

26. Com efeito, cada método de fazer história aponta, implicitamente, para uma determinada concepção de documento histórico. É evidente que uma concepção eminentemente positivista da história, que busca sobretudo o estabelecimento de um corpo cronológico e factual, preocupada em primeiro lugar com a determinação da exacta medida em que uma dada fonte decalca o real, não poderia atribuir valor documental a um texto como a *Peregrinação*, repleto de 'erros e omissões', que não saberia responder a questões tão candentes como o 'quando' e o 'onde'.

Para uma visão positivista da história, a *Peregrinação* não é de facto um documento histórico. Daí as acusações que lhe têm sido levantadas de falsificar a verdade histórica. Mas, através de um deslocamento da problemática investigativa, privilegiando uma nova abordagem da massa documental, é possível atribuir à obra de Mendes Pinto um amplo rigor histórico e um máximo valor documental. Voltarei adiante a esta questão.

27. Entre outros, ver por exemplo Visconde de Lagoa, *A «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto: Tentativa de Reconstituição Geográfica*, Lisboa, 1947. Ou Armanto Cortesão, «Introdução», *A «Suma Oriental» de Tomé Pires e o «Livro» de Francisco Rodrigues*, Coimbra, 1978.

Para esta segunda analítica seria pois, com certas reservas, defensável a verdade essencial da obra, que teria então valor historiográfico não desprezável.

Embora tendo subjacente uma concepção do documento marcadamente positivista, o trabalho investigativo desta corrente veio a servir de base ao desenvolvimento de uma nova e mais positiva imagem da *Peregrinação*.

Nos estudos mais recentes, não é mais a coincidência do discurso de Mendes Pinto com o referente histórico que preocupará os investigadores. A sua perspectiva de análise ultrapassa os limites do positivismo.

Esta outra abordagem, que poderíamos designar de analítica semântica, embora deixando de privilegiar uma aproximação documental para se centrar na análise dos sentidos da obra, intrigada pelas frequentes incorrecções, erros e omissões que nesta se podem detectar, procurou encontrar-lhes justificação.

Alguns estudiosos atribuem esta falta de rigor, muito concretamente, à falta de memória. Com efeito, Fernão Mendes só começa a trabalhar no relato das suas aventuras orientais por volta de 1569. Escreve portanto mais de trinta anos depois da partida para o Oriente. É duvidoso que ao longo desse agitado período tenha conservado qualquer tipo de apontamentos. Trabalha de cor, confiando tão-somente na memória²⁸. Nada mais natural então, que cometer erros, trocando datas, confundindo nomes, baralhando situações. E pode ainda dar-se o caso de o manuscrito, uma vez completo, não ter sido objecto de revisão. Seria até um pouco surpreendente uma tão prodigiosa memória, lembrada, ao cabo de tantos anos, de datas exactas, de dias de semana, de números e medidas correctas²⁹.

Para além disso, muitos factos mencionados na *Peregrinação* não foram presenciados pelo próprio Mendes Pinto, mas antes elaborados a partir de informações recolhidas junto de testemunhas ou compulsadas em fontes orientais. A origem dos erros poderia então ser atribuída à utilização acrítica destas informações em segunda mão. Apesar de intrinsecamente sincero, o autor teria reproduzido falsas informações, sem disso se aperceber.

Por outro lado, poderia dar-se o caso de as omissões relevarem da falta de interesse de Mendes Pinto por certas questões³⁰. Assim, ele limitar-se-ia a referir aquilo que mais lhe chamou a atenção. O seu critério seria historicamente determinado e, logo, distinto do nosso.

Mas também se poderia tratar de um procedimento consciente e voluntário da parte de Fernão Mendes. Com determinadas intenções ideológicas ou estilísticas, ele teria propositadamente semeado a confusão no seu

28. O problema é um pouco mais complexo, mas voltarei a ele.

29. «Escrevia meio de cor, já velho e sem grandes apontamentos nem mapas», Mário Martins, ob. cit., p. 417.

30. Alfredo Margarido atribui o flagrante desconhecimento do chá, em alguém que afirma ter percorrido extensivamente a China, a «le peu d'importance donnée au thé par les Portugais à cette époque», ob. cit., p. 196.

relato, multiplicando as discrepâncias cronológicas, as contradições e as omissões. O que levantaria todo um outro feixe problemático³¹.

Embora pertinentes, as justificações para a falta de rigor da *Peregrinação* que tenho vindo a referir, não esgotam a questão. Outras hipóteses se podem aventar.

Para a tradição literária greco-latina, «todo o viajante é um mentiroso, pelo próprio facto de que conta a *sua* história, de que conta *histórias*»³². E a *Peregrinação* não poderia escapar a este juízo valorativo: Mendes Pinto conta-nos a *sua* história, conta-nos *histórias*. Como tal, a sua obra está recheada de subjectividade. E assim deve ser, excepto para quem partilhe a crença na existência de uma 'verdade' única e imutável.

Para além de todas as justificações atrás apontadas, ele não pode *falar verdade* ao leitor moderno, simplesmente porque a sua verdade não é idêntica à nossa³³. É absurdo tentar medir até que ponto a *Peregrinação* decalca a realidade oriental tal como a concebemos hoje. A sua visão do mundo é *outra*. Estrutura-se segundo uma herança cultural e um clima mental epocal, que lhe ditam um programa de apropriação e transmissão do real perfeitamente distinto e específico.

Ao longo da sua vasta peregrinação pelo Oriente, Mendes Pinto é portador de uma dada representação do mundo. Ele percepçionará, por um lado, aquilo que quer ou espera ver³⁴, tudo o que se enquadrará na sua concreta ordem das coisas. Por outro lado, ele só poderá aperceber-se daquilo que é pensável no interior dos quadros mentais da sua epocalidade que, como qualquer outra, impõe limites ao que é apreensível.

A sua abordagem da experiência oriental será, pois, marcada por bem definidos centros de interesse e orientada por determinados critérios e modalidades de observação. Por isso, não é surpreendente que tenha descurado certas facetas da realidade asiática do seu tempo. Elas não se enquadravam no seu programa existencial e, como tal, passavam-lhe despercebidas³⁵.

31. Abordado por Rebecca Katz, que defende convictamente esta tese, na minha opinião um pouco excessiva. Ver, por exemplo, ob. cit., p. 157: «erros e inconsistências que foram afinal cuidadosa e artisticamente entrelaçados na narrativa». Ou p. 159: «O leitor é, pois, forçado a constantemente voltar atrás e a tornar a ler — que é, evidentemente, o que o autor pretende.» Na mesma pág.: a «cronologia da *Peregrinação*... é tão irrecuperavelmente confusa como o satirista pretendeu que fosse», Tratar-se-ia, em suma, de 'satirical devices'.

32. A. Manuel Machado & D.-H. Pageaux, *Literatura portuguesa, literatura comparada e teoria da literatura*, Lisboa, 1982, p. 28.

33. Cf. Paul Veyne, *Les Grecs ont-ils cru à leurs mythes?*, Paris, 1983. Nesta obra magistral, Paul Veyne demonstra a historicidade não só da *verdade*, mas também dos próprios critérios de determinação do verdadeiro e do falso.

34. Cf. J. H. Elliott, *El Viejo Mundo y el Nuevo (1492—1650)*, trad. esp., 2a. ed., Madrid, 1984. «Es difícil rechazar la impresión de que los europeos del siglo XVI... veían con demasiada frecuencia lo que querían ver», p. 34.

35. Cf. J. H. Elliott: «Es como si al llegar a cierto punto la capacidad mental se hubiese cerrado; como si con tanto que ver, recoger y comprender de repente, el esfuerzo fuese excesivo para los europeos y se retirasen a la penumbra de su limitado mundo tradicional», ob. cit., p. 27.

E ao elaborar o relato retrospectivo das suas prodigiosas andanças, Fernão Mendes irá, mediante a aplicação de regras e princípios discursivos próprios do seu tempo, estruturá-lo de acordo com a sua representação do mundo, seleccionando de entre o extenso material experiencial de que pôde dispôr justamente aquilo que era *a sua verdade*, de modo a fixar para a posteridade *as suas histórias*.

Em síntese, os erros e omissões que hoje detectamos na *Peregrinação* são um efeito quer do específico modo de pensar e sentir do seu autor, quer do persistente 'erro de paralaxe' de que enferman as múltiplas leituras da obra. Como poderia o seu discurso transmitir-nos, do Oriente, uma imagem coincidente com a nossa? Se as formas de ser e pensar renascentistas não são intemporais³⁶, como exigir da *Peregrinação* um impossível rigor histórico?

As suas zonas de silêncio são, sim, significativas, mas numa outra perspectiva: a da determinação pela investigação dos exactos limites e da específica textura do universo mental de Fernão Mendes Pinto e da sua contemporaneidade.

Texto, pretexto e intertexto na «Peregrinação»

O tema da pretexto da *Peregrinação* tem sido, também, objecto de tão variadas quão discordantes interpretações.

O que teria levado Fernão Mendes à escrita? Quais as suas intenções, ao lançar-se na redacção da sua labiríntica obra? Qual o destinatário de tão pormenorizado quanto extenso discurso?

A obra poderia ser encarada, já atrás o vimos, como um projecto fundamentalmente religioso: uma extensa confissão de pecados cometidos que, na sua inusitada dimensão, conteria uma sugestão implícita de expiação e absolvição totais. Uma ânsia de desculpabilização seria assim fundamento primeiro e despoletador da discursividade de Mendes Pinto.

A obra seria, por outro lado, um simples manual didáctico destinado a contribuir, através da enumeração exaustiva de trabalhos e sacrifícios, para a edificação moral das jovens gerações. Uma espécie de 'arte de viver' pela negativa que, através do relato dos mais terríficos e invulgares sucessos, pretendia servir de consolação perante o infortúnio e demonstrar que, mesmo nas mais abjectas condições, a vida e a luta pela sua melhoria têm razão de ser.

Também é possível estarmos perante uma clara manifestação de vontade de poder. Na posse de um excepcional cabedal informativo, o autor visaria alcançar um prestígio público proporcional à qualidade e quantidade dos conhecimentos transmitidos.

Inversamente, ele poderia ser, como já foi sugerido, um hábil contador de histórias que um dia se decidiu a passá-las à escrita.

36. Sobre esta questão, ver a obra de Luís Filipe Barreto, notável a todos os títulos, *Descobrimientos e Renascimento*, Lisboa, 1983.

Enfim, estamos ainda no domínio das interpretações fáceis, sem grandes pretensões de complexidade ou profundidade, mas que, apesar da sua óbvia fragilidade, não devem ser postas de parte.

No entanto, outras hipóteses mais trabalhadas têm sido avançadas. E nelas, regra geral, o tema do pretexto da *Peregrinação* prende-se inequivocamente com questões como o significado e a estrutura da obra. Pretendendo escrever uma singela autobiografia, Mendes Pinto estaria a fazer obra de crítica social.

O autor de uma justamente célebre leitura da *Peregrinação*, defendeu a hipótese de a obra ser uma sátira picaresca. Através de uma análise cuidada, identificou nela o espírito, a temática e as características literárias da novela picaresca³⁷. Sátira e exotismo seriam os veículos escolhidos por Fernão Mendes para, rodeando os obstáculos da censura, introduzir no seu texto uma áspera crítica da ideologia senhorial que presidiu às diligências imperiais dos Portugueses no Oriente, da prática moral dos seus contemporâneos, em flagrante contraste com a teorização religiosa, e ainda da realidade social do Portugal quinhentista³⁸.

Recentemente, esta hipótese foi retomada por outro crítico que, deslocando consideravelmente a problemática, vê a *Peregrinação* essencialmente como uma sátira social que, perfeitamente integrada nas tradições do género, tem como pretexto a apresentação de uma corrosiva denúncia da ideologia da Cruzada, através de uma extensiva demonstração da incompatibilidade entre a moralidade do dever-ser imperial e a prática materialista de uma política de violência e conquista.³⁹ Como contraponto da sua devastadora crítica, Mendes Pinto apresentaria uma mensagem de universalismo e tolerância. Nesta perspectiva, toda a complexidade da obra se deixaria decifrar. O exotismo, as omissões, a confusão de datas, a obscuridade das referências, tudo isso, não seriam mais do que «artifícios satíricos», utilizados por Mendes Pinto consciente e intencionalmente.⁴⁰

37. António José Saraíva: «A *Peregrinação*, não sendo formalmente no seu conjunto uma novela picaresca, está todavia animada de espírito picaresco e semeada de episódios picarescos», ob. cit., p. 415.

38. Entre muitas outras, veja-se a seguinte passagem «o mundo exótico da *Peregrinação* tem outra função ainda. É toda uma civilização que Fernão põe soberbamente de pé — mas de forma que sirva ou de espelho ou de contraste à civilização a que pertence o autor», «Fernão Mendes Pinto e o romance picaresco», *Para a história da cultura em Portugal*, 20. vol., 3a. ed., Lisboa, 1972, p. 128. Ou ainda: «O mundo exótico de *Peregrinação* permitia justamente tentar uma crítica de fundo indirecta, contornando os obstáculos postos à livre crítica pelas instituições dominantes na Península Ibérica», *História da Cultura em Portugal*, p. 419.

39. Cf. de Rebecca Catz, para além da obra citada, *Fernão Mendes Pinto — Sátira e anti-cruzada na «Peregrinação»*, Lisboa, 1981 e «*Peregrinação*: a sátira e o resto», *Prelo* (Lisboa), 3, 1984, pp. 75—90.

40. Parece-me um pouco forçada esta tese, na sua obsessão pela sátira e pelos artifícios satíricos que tudo permitem descodificar.

Portanto, até aqui nada de consenso quanto ao real significado da obra que, surpreendentemente, cauciona as diferentes leituras, tal é a sua inacreditável complexidade. Complexidade essa que lhe advém sobretudo da sua intrincada estrutura, que continua a constituir um enigma para os investigadores. Estes têm, com efeito, apresentado variadíssimas propostas para a classificação da *Peregrinação*.

Para uns, ela é uma autobiografia, atravessada por uma intrínseca honestidade, e nessa intenção singela se esgota o seu significado. Outros, embora aceitando a versão autobiográfica vêem nela liberais porções de romanesco. A obra de Fernão Mendes seria uma autobiografia romanceada ou, subtil distinção, uma novela carregada de sentidos autobiográficos.

Entre esta fundamental oposição autobiografia-romance se têm dividido as tradicionais leituras da obra. E com uma certa razão de ser, pois nela estão maioritariamente presentes os discursos autobiográfico e narrativo. No entanto, não se esgotam aí os sentidos do texto. Com efeito, é hoje um dado adquirido que na *Peregrinação* confluem uma multiplicidade de géneros e estilos literários. Na sua textualidade é possível isolar uma larga gama de unidades de sentido autónomas.

Contradizendo o pretexto autobiográfico, é impossível encontrar na orgânica do discurso um fio condutor de carácter cronológico ou topográfico. O desenvolvimento da intriga não é linear. Assim, identificam-se aí, para além do motivo autobiográfico, novelas de aventuras lado a lado com descrições de culturas e civilizações, crónicas colectivas de estados e povos orientais juntamente com descrições geográficas, narrativas históricas a par de crónicas individuais de heróis e santos.

Mas uma atitude eminentemente equívoca tem presidido às tentativas de apropriação do texto através de noções operatórias da moderna análise textual e literária. A *Peregrinação* tem de, forçosamente, escapar a qualquer etiqueta genérica que lhe queiram atribuir.

Por um lado, as categorias analíticas não são entidades imutáveis, válidas em qualquer contexto espacial ou temporal. A sua operacionalidade está intimamente vinculada aos circunstancialismos da sua génese e seria vão tentar aplicá-las para além dos seus limites de funcionalidade. Por outro lado, a geografia da repartição dos saberes não é hoje idêntica à que vigorava no período renascentista. A vários séculos de distância, as mesmas palavras designam realidades diversas. E é ilusório pretender encontrar uma linha genealógica ininterrupta entre conceitos, ou mesmo disciplinas, que de comum só têm por vezes uma mesma denominação.⁴¹

A estruturação do pensar, do saber e do ser na *Peregrinação* de Mendes Pinto é *outra*, distinta da nossa, e uma das tarefas mais urgentes da crítica é traçar a sua exacta cartografia. Uma leitura moderna não pode

41. Cf. Paul Veyne, *Comment on écrit l'histoire*, Paris, 1978.

deixar de encontrar um texto complexo, heterogéneo, contraditório, que intersecta os mais variados géneros e estilos discursivos.⁴²

Por outro lado, isso é natural numa obra que pretende dar conta de uma experiência de muitos anos de vida no Oriente. Mendes Pinto não é um literato,⁴³ preocupado com a pureza formal do discurso. Ele tem uma escrita espontânea, torrencial, sem grande distanciação face ao vivido e sem excessivas preocupações de sistematização. Não escreve um manual didáctico, mas um relato autobiográfico (embora com intenções didácticas). É essa a essência da *Peregrinação* — é uma autobiografia. E ao privilegiarmos uma visão deste tipo, temos de ter sempre presente que a própria natureza da autobiografia é a 'subjectividade'. A *Peregrinação* não nos revela o que o seu autor é, mas sim a imagem que tem de si próprio e/ou a que quer transmitir ao leitor. Há uma dupla filtragem do real, primeiro ao nível da vivência concreta e depois na sua transposição para a escrita.⁴⁴ No limite, poderíamos dizer que não existe uma imagem verdadeira do real, uma verdade única, espécie de síntese da totalidade de visões individuais e parcelares.

A intenção primeira deste prolixo relato é responder à curiosidade sobre as coisas do Oriente, tão viva e exigente no Portugal de finais do século XVI. Mendes Pinto toma posição nesta conjuntura mental, e a sua obra procura, acima de tudo, surpreender e espantar o leitor curioso através do constante apelo ao diferente, ao insólito, ao excessivo. Tudo na *Peregrinação* toma proporções desmesuradas, desde as gigantescas massas humanas aos tesouros de incalculável valor, da sabedoria precoce de uma criança à admirável gestão do maior país do mundo, dos mais selváticos actos de pirataria às mais virulentas ascèses místicas.⁴⁵

Mas, apesar do tom predominantemente vivencial, a *Peregrinação* é também uma autobiografia intelectual, um repositório de leituras. E apesar desta problemática da intertextualidade não ter merecido a devida aten-

42. E, regra geral, não deixa de tentar estruturar a matéria discursiva de acordo com uma lógica que lhe é estranha. A *Peregrinação* é, à partida, um território virgem, mas de modo algum vazio de sentidos, que vai sendo textualmente colonizado por sucessivas práticas investigativas. Chamaria aqui *colonização textual* ao processo, tão corrente, de atribuir a um texto, por efeitos de retroprojectão, uma estrutura e sentidos que lhe são alheios.

43. O que já foi amplamente demonstrado. Cf. por exemplo Alfredo Margarido: «Il s'agit essentiellement d'une écriture moyenne, qui ne dispose même pas de l'assise littéraire commune aux chroniqueurs portugais, officiels ou officieux, de l'époque», ob. cit., p. 183.

44. E «não é em função da sua condição verdadeira, mas da imagem que se fazem da si próprios, e de que nunca apresentam o reflexo ideal, que os homens regem a sua conduta», George Duby, «História social e ideologia das sociedades», in J. Le Goff & P. Nora (orgs.), *Fazer história*, 10. vol., trad. port., Lisboa, 1977. p. 174.

45. «Como se o objectivo constante não consistisse mais do que em permanentemente causar espanto ao leitor» ... «centra-se a atenção predominantemente no que é insólito, no pitoresco, no grandioso», J. D. Pinto Correia, ob. cit., pp. 64—65.

ção,⁴⁶ reconhece-se geralmente que Fernão Mendes, apesar da ausência de formação clássica, tinha um razoável conhecimento da produção textual do seu tempo.

Mas que leituras teria ele feito concretamente? Que autores o inspiraram? E que obras teria utilizado em citação, paráfrase ou cópia pura e simples?

Mendes Pinto parece responder negativamente a estas questões: «não me deu muito escrevê-lo assim toscamente como eu o soube fazer, porque entendo que o melhor destas coisas é tratá-las eu da maneira que a natureza me ensinou, sem buscar circunlóquios nem palavras alheias com que apontoasse a fraqueza do meu engenho, porque temi que se isto fizesse me tomassem com o furto nas mãos, e se dissesse por mim o rifão comum: 'De onde veio a Pedro falar galego?」⁴⁷.

Eis um assunto em que, mais que qualquer outro, a palavra do autor deve ser posta em dúvida. Pois tudo leva a crer que Fernão Mendes compulsou muitas obras quinhentistas, especialmente crónicas e relações de viagem que circulavam no seu tempo impressas ou manuscritas. Impõe-se uma investigação aprofundada que permita esclarecer o intertexto da *Peregrinação*. E, ressalva fundamental, há que ter em mente a hipótese de a obra ser uma síntese do saber oriental dos Portugueses de Quinhentos, uma *enciclopédia da teoria e da prática ultramarina*.⁴⁸

As potencialidades problemáticas da «Peregrinação»

Não obstante os numerosos estudos que tem suscitado, a *Peregrinação* mantém-se, ainda hoje, repleta de potencialidades problemáticas. Ela revela-se sobretudo, se aceitarmos abandonar as tradicionais formas de abordagem do documento, uma fonte preciosa para o estudo da história da cultura e das mentalidades. Mas, face à infinidade de interrogações que é possível colocar-lhe, «o único modo de resolver a dificuldade é, creio eu, introduzir conscientemente um ponto de vista preconcebido de selecção».⁴⁹

A discursividade de Mendes Pinto interessar-nos-á, então, a partir de dois pontos de vista fundamentais. Por um lado, a superfície textual da *Peregrinação*, isto é, aquilo que ela enuncia, a *informação em si*. Por outro lado, o que ela revela no acto de enunciar e nas modalidades com que o faz, quer dizer, *os sentidos da informação*.

46. Alfredo Margarido estudou, recentemente, as ligações entre a *Peregrinação* e o *Tratado* de Fr. Gaspar da Cruz. Ob. cit.

47. Cito da edição preparada por Maria Alberta Menéres, Ed. Afrodite, Lisboa, 1971 (I, p. 377), a única de que pude dispôr.

48. «C'est dire que la biographie est accidentele, le texte prétendant devenir une encyclopédie des connaissances occidentales sur l'Extrême-Orient et tout particulièrement sur la Chine.» Alfredo Margarido, ob. cit., p. 197. Mas não aprofunda.

49. Karl Popper, citado por Paul Veyne, *Comment...*, p. 32.

O primeiro vector problemático, articula-se intimamente com o concreto referente histórico. Trata-se de pedir à obra que testemunhe sobre o mundo oriental no século XVI e o papel que aí desempenharam os Portugueses.

Relativamente ao Oriente, é possível recolher na *Peregrinação* minuciosos dados sobre as actividades produtivas, as práticas religiosas e a arquitectura sagrada, o funcionamento do sistema mercantil e os seus instrumentos, a orgânica política e as técnicas de golpe de estado, os meios de transporte e as formas de combate naval, os rituais de convívio e os estilos oratórios, a gestão do poder e as estratégias de guerra. E, questão que diz sobretudo respeito aos linguístas, ao facultar-nos este imenso manancial informativo, Mendes Pinto ver-se-á amiúde confrontado com o problema da falta de palavras. Perante realidades tão diversas como inusitadas, ele sofrerá de uma crónica carência lexical. Terá então de recorrer às próprias línguas orientais, pedindo-lhes de empréstimo vocábulos com que designar as novas e estranhas realidades. É uma face do problema, tão fascinante, dos empréstimos civilizacionais.⁵⁰

Seria também possível recolher informes sobre o lugar dos Portugueses neste vasto mundo asiático: as suas práticas comerciais, as peculiaridades linguísticas, a orgânica da burocracia real, as actividades guerreiras, os rituais religiosos, as modalidades de diálogo civilizacional.

Enfim, poderíamos alongar-nos nesta enumeração, mas o que importa é salientar que a *Peregrinação* se apresenta como um prodigioso, e sub-aproveitado, fresco da vida quotidiana da Ásia de meados do século XVI.

Mas o que Mendes Pinto retém, e nos transmite, do Oriente, corresponde aproximadamente ao que ele quiz, soube e pôde observar e compreender nas sociedades orientais. O que nos põe o problema da precisa determinação da sua aparelhagem conceptual e dos contornos do seu universo mental.

Ele é um português século XVI e, como tal, não foge aos limites mentais do seu tempo. Move-se dentro de concretos parâmetros culturais epocais. Não tentemos procurar na sua obra uma impossível modernidade crítica. É certo que ele formula críticas aos poderes religiosos e políticos portugueses. Mas são críticas circunstanciais e nunca de fundo. Ele critica o efectivo funcionamento da máquina colonial, nos seus aspectos militar,

50. «Ao descrever os animais e plantas, costumes, instituições e gentes daquelas exóticas regiões, o vocabulário europeu era insuficiente, e os escritores viam-se obrigados a recorrer ao próprio léxico oriental, importando deste modo, com os conceitos, as próprias palavras que os exprimiam.» J. G. Herculano de Carvalho, «O vocabulário exótico na *Histoire des Indes* (1553)», *Estudos Linguísticos*, 10, vol., 2a. ed., Coimbra, 1973, p. 41. Maria Luisa Cusati tem dedicado alguns artigos ao léxico da *Peregrinação*: «Note lessicali: terminologia mercantile nella 'Peregrinação' di Fernão Mendes Pinto», *Annali dell' Istituto Universitario Orientale — Sezione Romanza* (Nápoles), XX, 1, 1968, pp. 141—161; e «As armas no léxico da 'Peregrinação' de Fernão Mendes Pinto», idem, XXI, 2, 1979, pp. 461—468.

comercial e religioso, mas sempre em termos de gestão. Repetidas vezes, por exemplo, faz referências à insensatez da presença portuguesa na Índia, que exige um investimento humano e material desproporcional aos dividendos obtidos em termos económicos e religiosos. Mas fá-lo numa perspectiva de racionalização do sistema, de minimização dos gastos e optimização dos lucros.

Mendes Pinto é um homem sabedor das coisas do Oriente. E, como tal, tem perfeita consciência da geografia política asiática. Apercebe-se nitidamente dos mecanismos do diálogo civilizacional que Portugal trava na Ásia. Daí as suas constantes sugestões, dirigidas à Coroa portuguesa, de privilegiar as relações com as regiões extremo-orientais, onde os termos do diálogo se revelariam mais favoráveis a Portugal do que face às poderosas civilizações do sub-continente indiano.

Por outro lado, o seu longo contacto com as sociedades orientais, torna-o um especialista nos mecanismos da evangelização. Conhecendo a orgânica altamente centralizada dos estados asiáticos, ele conclui que os esforços de missionação se devem dirigir, preferencialmente, para as elites dominantes. Daí, também, as críticas que dirige às tentativas de conversão feitas na Índia e no Ceilão. É uma crítica, mas sempre nos limites da ortodoxia, visando a racionalização da empresa ultramarina⁵¹.

Mas, sem dúvida, é também possível recensear na *Peregrinação* outro tipo de críticas, que não à gestão do império oriental. Nada mais provável, pois a experiência ultramarina, em que Mendes Pinto se tornou veterano, era uma prática escola de comparativismo.. Ao ser confrontado com uma insuspeitada variedade de culturas e civilizações, ele irá carrear elementos que lhe permitirão julgar o seu país de origem a uma nova luz⁵². O convívio íntimo com o mundo oriental leva-o a desenvolver um apurado sentido crítico. Mas convém não exagerar, por retro projecção, as suas virtualidades críticas⁵³.

Mais esclarecedora para a correcta determinação da sua mundividência será, não a visão do *mesmo*, mas a visão que Mendes Pinto tem do *outro* civilizacional. A *Peregrinação* é um documento excepcional para a urgente sondagem da atitude antropológica do seu autor e dos seus contemporâneos.

Muito resumidamente, Fernão Mendes revela, na sua obra, uma dupla abordagem antropológica. Por um lado, e por razões sobretudo de herança cultural, ele irá revelar uma atitude vertical, hierarquizada, preconceituada, em relação a um determinado grupo civilizacional, os muçulma-

51. Alfredo Margarido apercebeu-se parcialmente deste problema. Cf. cit., pp. 173—174.

52. «La experiencia acerca de otros pueblos estaba obligando a los europeos a observarse a sí mismos bajo una luz nueva y a veces imprevista», J. H. Elliott, ob. cit., p. 62.

53. Como têm feito alguns estudiosos, nomeadamente Rebecca Catz. Cf. obs. cits.

nos. Na *Peregrinação*, os *mouros* são por excelência o tradicional inimigo civilizacional. Não há para com eles qualquer forma de tolerância ou compreensão.

O mesmo não se passa relativamente aos *gentios*, que são abordados numa perspectiva antropológicamente horizontal. Não há, à partida, uma desvalorização etnocêntrica do *outro*. Antes, os quadros mentais de Mendes Pinto revelam singular abertura no confronto com valores estranhos ao mundo europeu. Inclusivamente, nesse horizontal modo de encarar os *gentios*, ele revela uma precoce modernidade, pois a sua escala de valores abre-se à diferença civilizacional que, por vezes, é positivamente valorizada e tomada como modelo de referência.

Após este esboço de problemas, podemos concluir observando que a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, ao cabo de mais de um século de exploração crítica, continua a ser um continente essencialmente desconhecido, que guarda ainda muitas surpresas aos futuros *viajantes*.

«PEREGRINAÇÃO» FERNAO MENDES PINTOA — INTERPRETATIVNE MOGUĆNOSTI I OGRANIĆENJA

Ovaj članak ne daje novu interpretaciju djela Fernão Mendes Pintoa *Peregrinação*, i ne razmatra u potpunosti mnoge probleme vezane za, nakon *Os Lusíadas*, možda najznačajnije portugalsko djelo 16. stoljeća.

Tri su glavna cilja ove rasprave:

- problematizirati dio kritičke literature u vezi s tim djelom;
- potražiti odgovore na neke nepoznanice, naročito preispitivanjem određenih pretpostavki koje se za to djelo inače vežu;
- postaviti na ne sasvim sistematičan način neka pitanja epistemološke prirode u vezi s analizom tekstova ove vrste.

Ukratko, riječ je ne o preispitivanju djela Mendes Pintoa, koje je samo predložak, već interpretacija kojima je to djelo do sada bilo podvrgnuto.

Članak je sastavljen od slijedećih dijelova:

- Književnost putovanja i *Peregrinação*;
- Biografija Fernão Mendes Pintoa;
- Konotacije sadržane u nazivu djela;
- Povijesna objektivnost djela;
- Tekst, pretekst i međutekst djela;
- Neistražene mogućnosti interpretacije djela.